

Resumo: *A Eucaristia é a celebração do Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nela faz-se memória da Páscoa de Cristo e da páscoa dos cristãos. Olhando para a sua história, percebe-se que nos primórdios do cristianismo a celebração eucarística tinha um desdobramento prático na vida do cristão. Com o passar do tempo, a relação celebração e vida foi-se perdendo, e a celebração tornou-se um rito, muitas vezes, distante da vida. Hoje, um dos nossos maiores desafios é restabelecer esta unidade: celebração e vida são dois momentos inseparáveis da Celebração Eucarística.*

Abstract: *The celebration of the Eucharist re-enacts the Paschal mystery of our Lord Jesus Christ. It draws from the memorial of Christ's paschal celebration and the Christian passover celebrated annually ever since. It converts it into a memorial which He himself instituted at the Last Supper on Holy Thursday and handed it over as a legate of faith for the Church. A key element of the historical survey on the initial stage of Christianity is the fact that the Christian community celebrated the Eucharist not as passive recipient of an obsolete ceremonial from the past but with special significance for daily life. However, in the course of subsequent decades and centuries the relationship between the liturgical celebration and its impact on human life came into disuse so that it turned nearly into a liturgical rite or a religious ritual quite distant from what it had been at the beginning. Today, the Christian community faces the challenge to re-establish (re-establish) once again the living relationship that binds together Eucharist and community in terms of inseparable moments of the Christian celebration.*

Celebração e Vida: dois momentos inseparáveis da Celebração Eucarística

*Cleiton José Senem**

* O autor é graduado em teologia pelo Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ. É professor de Ética e Cultura Religiosa na Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP.



Introdução

A liturgia é o cume e a fonte de toda a vida da Igreja (cf. SC 10). A Eucaristia, por sua vez, é o centro de toda a liturgia e, por excelência, o sacramento de unidade de toda a Igreja com o Deus Trindade. Para ela converge toda a evangelização da Igreja, e dela provém toda a força necessária para que a evangelização se realize com eficácia.

Nesse sentido, a celebração e a vivência da Eucaristia são fundamentais para a vida da Igreja. Porém, percebe-se hoje um distanciamento entre o que Jesus Cristo viveu e realizou na última ceia com seus discípulos, e o que celebramos na Eucaristia. Dessa realidade percebida decorre a necessidade de voltar às fontes da Eucaristia, resgatando a relação vida-celebração.

O objetivo deste artigo é mostrar que a celebração da Eucaristia, necessariamente nos impele a um compromisso com a vida, ao seguimento de Jesus Cristo. A Eucaristia convida-nos a viver a partir do Mistério celebrado. Assim, dois pólos marcam a vida dos seguidores de Jesus Cristo: a reunião e a missão.

Na reunião, com palavras e ações simbólicas, entre cantos e silêncios, recorda-se a paixão e a glorificação de Jesus, o Senhor; na cumplicidade do Espírito que atualiza, fecunda, cria comunhão. Na missão, o mesmo Espírito envia, cria, dá forças, coragem, persistência e alegria... Há uma relação intrínseca entre esses dois pólos: é o mesmo mistério da páscoa do Senhor; ora anunciado e vivido no dia-a-dia, no testemunho e no compromisso até o martírio, ora atualizado na memória litúrgica. Um não existe sem o outro.¹

A celebração eucarística está intrinsecamente ligada à vida de cada cristão. Jesus deixou aos seus discípulos duas maneiras de fazerem memória de sua vida e de sua ação salvadora no mundo: a memória celebrativa ritual e a memória testamentária. A memória celebrativa ritual é realizada através dos sacramentos e da liturgia em geral. Essa memória como ação simbólica profética realiza uma ponte para o segundo tipo de memorial deixado por Jesus, o memorial testamentário, onde o cristão deve viver conforme o que ele crê e o que é celebrado.²

¹ BUYST, Ione e SILVA, José Ariovaldo. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência: Espanha, Siquem, 2003. p. 11.

² Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Os Sacramentos na Vida Diária*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 10-11.



Gostaríamos de ressaltar que estas linhas não têm a pretensão de esgotar o assunto, mas de suscitar o questionamento dos leitores sobre o tema, proposto à luz de uma dimensão histórica da liturgia.

1 A pré-compreensão do Mistério da Eucaristia na atualidade

Normalmente, quando se fala em Eucaristia parte-se de um pressuposto muitas vezes não explicitado: a Eucaristia é algo sagrado! “Sagrado” entendido como algo separado da vida. Por isso, se separa um espaço, um tempo, um objeto, uma pessoa. O sagrado torna-se uma manifestação de algo completamente diferente (Mircea Eliade), de uma realidade que não pertence a este mundo. Essa concepção, portanto, traz em si uma ruptura de nível que constitui o sagrado como um mundo distinto do profano. Como consequência, entrar em contato com o sagrado é ausentar-se do profano, do trabalho, da convivência, do descanso, do jogo etc.

A Eucaristia, vista nessa compreensão, como ação sagrada, é situada à margem da vida, do dia-a-dia, quiçá até distante das realidades cotidianas. A consequência dessa pré-compreensão é que Eucaristia e Vida perdem sua unidade dinâmica e são vistas dicotomicamente. A separação que existe entre sagrado e profano é a distância que existe entre celebração e vida.³

Com certeza muitos cristãos têm na Eucaristia a sua fonte de espiritualidade e vitalidade. Muitos celebram e vivem a Eucaristia como mistério pascal de Cristo em sua vida. Porém, existem pessoas que pensam a Igreja como um grande “supermercado religioso” e buscam nela um “produto” que está faltando na sua vida. Isto é, um sacramento ou uma bênção que possa satisfazer sua necessidade momentânea. A Eucaristia, muitas vezes, se encaixa nessa perspectiva e parece tornar-se uma espécie de serviço religioso posto à disposição do público, ao “gosto do consumidor”. O resultado é o consumismo sacramental. Basta olhar as nossas listas de intenções na celebração Eucarística para constatarmos isso.⁴

³ Cf. CASTILLO, José María. *Eucaristia, Y Vida, Hoy*. Madrid: Fundación Santa María. S.d. p.10-14.

⁴ Por exemplo: pelas almas do purgatório, pelo falecido João da Silva, por uma graça alcançada, por Nossa Senhora Aparecida, ao Sagrado Coração de Jesus, em honra a São José, a Santo Antônio, para pedir chuva, para pedir uma cura, em ação de graças pela saúde de Sebastiana, para pedir emprego etc.



A Eucaristia parece, muitas vezes, uma oração que o padre reza sozinho lá no altar, pelas intenções que foram encomendadas, e o povo assiste. O Padre é o funcionário desse grande “supermercado sacramental”, parecendo “contratado” para rezar a missa.

Do consumismo sacramental chegamos facilmente ao individualismo cristão. A Eucaristia como sacramento comunitário por excelência, muitas vezes, é celebrada individualmente. Cada pessoa reza por si, dirige a Deus suas preces geralmente individualistas, sem sequer conhecer e celebrar com as pessoas que estão ao seu redor. Ninguém celebra um aniversário, uma festa, um fato importante sozinho! É inerente à celebração a comunhão com os outros, celebrar é fundamentalmente concelebrar, assim como viver é conviver.

Muitas pessoas não compreendem a Eucaristia e muito menos têm consciência do que se está celebrando. Muitos se tornam meros leitores do tão conhecido jornal ou folheto de missa. Então: celebra-se uma coisa e se vive outra.

A compreensão que mais se destaca nos dias de hoje, quando falamos em Eucaristia, é a da presença real de Jesus no pão e no vinho, Corpo e Sangue de Cristo. A primeira imagem que nos vem à mente quando falamos em Eucaristia é a do ostensório com a hóstia consagrada, ou a hóstia na mão do padre na hora da consagração. Olhando as lembranças de Primeira Eucaristia, temos sempre a imagem da hóstia, com alguns ramos de trigo e um cacho de uva. Nos convites de ordenação presbiteral, é frequente o uso dessa mesma imagem.

A prática da adoração do Santíssimo Sacramento dentro da celebração eucarística, ou logo após a mesma, está crescendo cada vez mais. Na hora da consagração, muitas pessoas sussurram exclamações como: “Meu Deus e Meu tudo”, “Eu creio Senhor, mas aumentai a minha fé”, “Jesus Cristo, eu te adoro”.

Se perguntarmos às pessoas qual é o momento mais importante da celebração eucarística, por unanimidade elas irão responder que é a consagração do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo. Para o senso comum, celebrar o mistério da Eucaristia é isso: ir todos os domingos à igreja para “assistir” Cristo que vem sobre o altar no pão e no vinho. O padre lá no altar, com sua voz poderosa, transubstancia o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo através das palavras da consagração e, a



partir daquele momento, Jesus está presente ali sobre o altar para ser adorado e comungado “por quem não tiver pecado”.

São riquíssimas as palavras ditas pelo bispo durante a ordenação presbiteral quando toma em suas mãos o pão e o vinho, trazidos pelo povo, e diz ao neo-ordenando: “*Recebe a oferta do povo santo para apresentá-la a Deus. Toma consciência do que vais fazer e põe em prática o que vais celebrar, conformando a tua vida ao mistério da cruz do Senhor*”.⁵

Percebe-se que muitos padres vivem profundamente o que celebram, comprometendo-se ao serviço do Reino de Deus. A Eucaristia para eles não é um ritual para ser executado, desencarnado da vida e da história humana, mas é a celebração do mistério pascal e da sua vida juntamente com a vida de todos que a celebram. Faz parte da missão e da vocação do presbítero viver uma vida eucarística e assim incentivar o povo a fazer o mesmo.

Entretanto, para muitos padres, assim como para uma grande parte do povo, a Eucaristia é o ritual através do qual Jesus se faz presente nas espécies eucarísticas. Percebe-se também em muitos padres uma compreensão mágica e até alienante da Eucaristia, pois compreendem que em suas mãos está o poder de consagrar. Há sacerdotes que na hora da consagração levantam bem devagar a hóstia consagrada, e depois o cálice, para a adoração dos fiéis. Há padres que interrompem a oração eucarística e fazem o famoso “passeio com o Santíssimo”. Alguns substituem a aclamação memorial “*Anunciamos Senhor a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição...*” por aclamações como: “Eu te adoro hóstia divina” ou “Meu Deus e Meu tudo”.⁶ Outros pensam que a bênção do Santíssimo é mais importante que a Eucaristia. Certa vez, disse um padre depois que acabou de presidir a celebração eucarística: “Meus irmãos, agora vamos receber a bênção do Santíssimo Sacramento... Não existe bênção mais importante do que esta!” Daí conclui-se que a maior bênção não foi a participação no memorial do sacrifício de Cristo, isto é, a Eucaristia recém celebrada deixou de ser a mais importante.⁷

Há presbíteros que executam o ritual com frieza e rigidez, perdendo a vivacidade e a dinamicidade da celebração. Aquilo que exprime a vivên-

⁵ *Ritual de Ordenação de Bispos, Presbíteros e Diáconos*. São Paulo: Paulus, 1994. n. 135 p. 70.

⁶ A propósito desta questão sugiro a leitura do artigo: SILVA, José Ariovaldo da. “Eu te Adoro, hóstia divina”. In: *Revista de Liturgia*. São Paulo, n.166, 2001.p.4-6.

⁷ Cf. SILVA, José Ariovaldo da. “Eu te Adoro, hóstia divina”. p. 4.



cia da fé fica cristalizado, não toca nem leva a assembleia a celebrar a sua vida. Não faz brotar a emoção, a sensibilidade e a vivência do mistério ali celebrado, cai-se no ritualismo, fazendo com que a assembleia não comprometa a sua própria vida. Alguns leem a oração eucarística numa velocidade tal que parece quererem terminar a celebração em um minuto. Outros se compreendem como donos da celebração e conseqüentemente fazem com que a assembleia se torne passiva. O padre assume o papel de ator principal, e a comunidade contempla passivamente a sua apresentação, proporcionando cada vez mais a separação entre presidente e assembleia, vida e celebração.

Olhando os jornais, revistas, noticiários de televisão e internet, percebemos que os meios de comunicação também transmitem uma compreensão de Eucaristia, pois afinal de contas, essas notícias ou informações veiculadas são expressões de uma compreensão cultural. Vejamos alguns exemplos recolhidos por Frei José Ariovaldo da Silva, publicados na revista *Mundo e Missão*: “Amigos do traficante Uê encomendaram missa pelo primeiro aniversário de morte” (*O Globo*, 11.09.03, p.1 e 16). ‘Missa em memória de Roberto Marinho reúne cem pessoas em igreja paulista... a missa foi encomendada pelo presidente do Museu de Arte Moderna’ (*idem*, 02.09.03, p. 13). ‘ACM pede ordem e vai à missa em homenagem ao filho’ (*Jornal do Brasil*, 22.05.98, p.2). ‘Ontem de manhã, foi rezada um missa na Casa da Dinda em homenagem a Pedro...’ (*Folha de São Paulo*, 19.12. 94, Cad. 1, p. 6). ‘Missa de sétimo dia celebrada ontem no Rio em homenagem ao deputado Ulysses Guimarães comprovou que ele ainda simboliza o consenso nacional...’ (*O Estado de São Paulo*, 20.10.92, p.10). ‘Sindicato festeja 60 anos com missa’. (*O Globo*, 26.09.92, p.18). ‘A população petropolitana está convidada para assistir ... a missa em homenagem ao prefeito eleito Leandro Sampaio...’ (*Tribuna de Petrópolis*, 31.12.96, p.1).⁸

Observamos nos exemplos citados acima que a Eucaristia é entendida como uma “cerimônia” que se “encomenda”, ou se “promove” para “homenagear” alguém vivo ou falecido, ou para celebrar a memória de alguma pessoa ou evento importante. Ela é executada por um profissional religioso, isto é: bispo ou padre, que é contratado para realizar essa

⁸ SILVA, José Ariovaldo da. Missa-memória, Missa-homenagem. In: *Mundo e Missão*. São Paulo, n. 77, 2003. p. 34.



função.⁹ Nesse sentido, a celebração eucarística normalmente é entendida pelos meios de comunicação como um “ato social”.

Essas compreensões que usualmente percebemos entre o povo, os clérigos e os meios de comunicação, levam-nos a perguntar: Será que foi isso que Jesus Cristo quis quando instituiu a Eucaristia? Será que não estamos distantes do que Jesus pensou quando tomou o pão, deu graças, partiu, e distribuiu a todos, pedindo que fizéssemos isso em sua memória?

Enfim, percebemos que, de maneira geral, a relação vida-celebração está comprometida devido a uma visão mágica, por vezes ritualista e outras vezes utilitarista do mistério da Eucaristia. Sabemos que as compreensões explicitadas neste primeiro momento não são frutos puros e simplesmente da nossa prática atual, mas são frutos de longos séculos de vivência e experiência cristã. Por isso, é importante observar como foram se desenvolvendo essas compreensões ao longo da história do cristianismo.

2 A Eucaristia no primeiro milênio do cristianismo

A celebração eucarística, como a temos hoje, não é invenção nossa; não somos seus criadores, mas somos herdeiros de uma rica tradição que começou no início do cristianismo com as primeiras comunidades cristãs. Assim, queremos, de maneira simples, percorrer esse início do cristianismo bebendo das fontes originárias, observando também como a celebração foi sendo entendida e celebrada ao longo da história, passando os séculos e chegando até nós hoje.

O primeiro elemento e o fundamental que perpassa o primeiro milênio do cristianismo é a compreensão da Eucaristia como Celebração do Mistério Pascal de Cristo. O texto mais antigo sobre a sua instituição, recebido na tradição, é o de São Paulo aos Coríntios¹⁰, onde lemos o seguinte sobre a Ceia do Senhor:

Porque recebi do Senhor o que vos transmiti: O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é meu corpo, que se dá por vós; fazei isto em memória de

⁹ Cf. idem. p. 34.

¹⁰ Cf. *Bíblia Sagrada*. GARMUS, Ludovico (trad.) et alii. 45ª ed. Petrópolis: Vozes. 1982. Nota referente a 1Cor 11,17-33. p.1364.



mim". E, do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: 'Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim'. Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha (1Cor 11, 23-26).

Nos primórdios, a Eucaristia era entendida como fazer a memória de Jesus, de sua paixão morte e ressurreição; era fundamentalmente a celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo. E essa memória estava muito ligada à vida das pessoas que participavam. Em 1Cor 11,17ss, por exemplo, vemos que Paulo condena as divisões dos que vão à Ceia do Senhor, dizendo que isso não serve para o crescimento espiritual, mas faz mal. Mateus 5,23-24 diz o seguinte: “*Portanto, se estiveres diante do altar para apresentar tua oferta e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa tua oferta lá diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e então volta para apresentar tua oferta*”. Esse texto, destinado à comunidade cristã, fala da oferta (celebração) associada à vida. Isto é, a oferta apresentada na celebração é incompatível com a divisão entre os seres humanos. A celebração não pode ser compreendida desligada da vida. Não é possível participar autenticamente da Eucaristia, quando não se tem a reta intenção de viver aquilo que é celebrado em comunhão com os demais membros da comunidade.

Olhando os textos do Novo Testamento, referentes à Eucaristia,¹¹ percebemos um segundo aspecto que é um desdobramento do primeiro: A Eucaristia é o memorial do mistério pascal de Jesus Cristo que é celebrado durante uma refeição. A Eucaristia foi instituída como alimento.¹² Mas não um alimento comum. Foi o próprio Jesus quem disse que o pão e o vinho eram o seu corpo e o seu sangue, e pediu para que os discípulos fizessem sempre isso em sua memória. Isto é: através da ceia, os discípulos deveriam celebrar toda a vida de Jesus, especialmente, sua paixão, morte e ressurreição.

A refeição marca desde o princípio a celebração Eucarística. Nos textos referentes à Eucaristia, aparece mais de trinta vezes a palavra *comer* e mais de vinte vezes a palavra *beber*. A comensalidade está na base da intenção eucarística, tanto em direção vertical, de união com seu

¹¹ Cf. 1Cor 11,23-26; Lc 22,14-20; Mt 26,26-29; Mc 14,22-25 e Jo 6,51-59.

¹² Cf. CASTILLO, J. M. Onde não há Justiça não há Eucaristia. In: *Fé e Justiça*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 138.



Senhor, como horizontal, de fraternidade crescente.¹³ A Eucaristia era celebrada junto com o ágape (refeição fraterna), tendo muito mais um sentido fraterno do que alimentar. Na refeição partilhada, os comensais comem do mesmo pão que se parte e se reparte entre todos (Mt 26,26; Mc 14,22. Lc 22,19, 1Cor 11,24) e bebem do mesmo cálice, que passa de boca em boca do primeiro ao último (Mt 26,27, Mc 14,23, Lc 22,20, 1Cor 11,25).

Podemos perceber, nos Atos dos Apóstolos, que a Eucaristia é chamada de “*fração do pão*” (At 2,42.46, 20, 7.11). Quer dizer que se trata de uma refeição em comum, celebrada nas casas, em um clima de alegria e ligada à partilha dos bens (At 2,42-47; 4, 32-35).¹⁴ Famílias ricas ofereciam suas casas para a reunião da comunidade, devido ao fato de oferecerem melhores condições para as necessidades litúrgicas da Igreja. São as chamadas *Domus Ecclesiae* – Casa da Igreja. Em Roma existiam umas 40 dessas casas.¹⁵

A Ação de Graças é o terceiro elemento a ser destacado. Nas celebrações eucarísticas não faltava a “oração de bênção” (oração eucarística) de origem judaica. Pouco a pouco foi prevalecendo a categoria de bênção e ação de graças na celebração da Eucaristia. O centro da Eucaristia se desloca do sinal primordial da refeição ao da palavra: a palavra descendente das leituras bíblicas e a palavra ascendente da oração eucarística. De Ceia do Senhor passa-se à Eucaristia, isto é, ação de graças, já nos finais do séc I (Cf. Cartas de Inácio de Antioquia).¹⁶

A ação de graças apresenta-se como uma contemplação de Deus, autor de todas as maravilhas da criação e da História da Salvação, principalmente, por ter salvado a humanidade através da morte-ressurreição de Jesus Cristo. É essa atitude que será traduzida pelo termo “Eucaristia”. A palavra Eucaristia na língua grega quer dizer “ação de graças”. A Igreja, ao usá-la, deu-lhe uma compreensão que tem origem no Antigo Testamento: “Render Graças”. Render graças tornou-se o equivalente a “fazer

¹³ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 131.

¹⁴ Cf. CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 138.

¹⁵ Cf. SILVA, José Ariovaldo. O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã. In: *O Mistério Celebrado: Memória e Compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência: Espanha, Siquem, 2003. p. 31.

¹⁶ Cf. Idem. p. 134.



a Eucaristia”: a oração transformou-se em rito”.¹⁷ É importante lembrar que a celebração da Eucaristia Cristã tem sua raiz na tradição judaica, mas assume a partir de Cristo um sentido próprio, pois é concebida como a celebração do mistério pascal de Jesus Cristo.¹⁸

O quarto elemento a ser destacado é que a Eucaristia era celebrada no “primeiro dia da semana”: o Dia do Senhor (Domingo), por ser o dia memorial da Ressurreição (cf. 1 Cor 16,2; At 20,7; Ap 1,10).¹⁹ Justino, leigo e filósofo, lá pelo ano 150, escreve uma Apologia em favor dos cristãos, onde podemos perceber como se estruturava a Eucaristia em meados do século II. Vejamos: a reunião da assembleia era no “dia do Sol”²⁰ (domingo), havia a escuta da Palavra, a homilia, a oração dos fiéis, a preparação das oferendas, a oração eucarística, a comunhão e o socorro aos necessitados.²¹

Percebemos que a Eucaristia nos séculos II-III tem como característica a improvisação e a criatividade, permanecendo sempre fiel aos princípios da tradição, isto é, ao mistério pascal de Cristo.²² A Eucaristia nesse início não é discutida, mas é um mistério vivido e celebrado, tanto que nesse período não temos tratados eucarísticos, mas sim “sermões” e catequeses mistagógicas.²³ Ela é de fato uma experiência vivida em comunidade, em ligação direta com a vida.

Como quinto elemento percebemos que a Eucaristia é uma celebração eclesial-comunitária. A comunidade era considerada comunidade eucarística, enquanto pessoas que viviam na sua vida aquilo que celebravam. O ator principal da celebração era a comunidade presidida por seus pastores. O sujeito da celebração era o povo reunido, povo sacerdotal e todos participavam ativamente. Eles tinham acesso à Palavra de Deus, e, quando era proclamada, se sentia que Deus mesmo estava falando. Assim como na passagem dos discípulos de Emaús: “*Não nos ardia o coração quando pelo caminho nos falava e explicava as Escrituras?*”

¹⁷ Cf. MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia. Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 1989. Vol. 2. p. 43.

¹⁸ Cf. SILVA, José Arioaldo. *O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã*. p. 29.

¹⁹ Cf. idem. p. 29.

²⁰ Dia dedicado ao deus Sol na tradição religiosa romana.

²¹ Para ler o texto na íntegra Cf. JUSTINO de Roma. *Apologia I*. São Paulo: Paulus, 1995. n. 67. p. 83.

²² Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996. p. 31.

²³ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p. 167-168.



(Lc 24,22). A Palavra de Deus era sentida como momento privilegiado de diálogo de Deus com o povo.

O sexto elemento a ser destacado era que a presença de Jesus Cristo era vivenciada e sentida em toda a celebração eucarística. Isto é: na presidência, na escuta da Palavra, na assembleia que era entendida como “corpo de Cristo” e nas espécies de pão e de vinho. A Eucaristia era o centro da espiritualidade, e tinha-se uma preocupação quanto à qualidade das celebrações, fazendo com que a assembleia de fato conseguisse celebrar o mistério pascal.

Como sétimo elemento, a Eucaristia era uma celebração inculturada. Embora sempre fiel à tradição cristã e apostólica, ela se adaptou aos diferentes povos com sua cultura, tanto no Ocidente quanto no Oriente, com sua língua e costumes próprios, conseguindo fazer com que cada povo vivenciasse o centro da espiritualidade cristã a partir da sua situação concreta.²⁴

O oitavo elemento mostra que durante o primeiro milênio a Eucaristia impulsionava as pessoas a viverem aquilo que celebravam na sua vida, especialmente no compromisso com a justiça, com os mais pobres e necessitados. Vejamos alguns textos que nos mostram isso.

Em At 2,42-47 vemos que a primeira comunidade era assídua na doutrina dos apóstolos, eles se reuniam nas casas e partilhavam o pão. Vendiam os seus bens e dividiam com todos segundo suas necessidades. Nota-se que o culto da comunidade parece ter quatro partes: a instrução dos fiéis, a oração em comum, a ceia eucarística e a coleta para os pobres.²⁵ O texto da *Didaqué* (13,1-7) fala das primícias que é preciso oferecer aos profetas, “e se não houver profetas entre vós, oferecei-as aos pobres”. Justino apresenta-nos um testemunho muito interessante sobre a oferta dos fiéis, não só um testemunho particular, mas uma práxis da comunidade cristã em Roma no século II. A Eucaristia é para ele uma experiência comunitária²⁶ à qual não apenas todos os membros da comunidade assistem, mas todos participam. Nela se exigia, como condição para participar, uma vida “conforme aquilo que Cristo nos ensinou”.²⁷ Isto é: o amor aos pobres e necessitados.

²⁴ Cf. SILVA, José Ariovaldo. *O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã*. p. 43.

²⁵ Cf. *Bíblia Sagrada*. Nota sobre At 2, 42. p. 1304.

²⁶ Cf. JUSTINO de Roma. *Apologia I*. n. 67,3 p. 83.

²⁷ Cf. idem. n. 66,1 p. 82.



A oferta dos fiéis, conforme o testemunho de Justino, era parte integrante da celebração eucarística, uma celebração que se transforma em ação, em prol dos necessitados. No *Diálogo com Trifão*, ele diz que “as orações e ações de graças feitas pelos homens dignos são os únicos sacrifícios perfeitos e agradáveis a Deus”.²⁸ Para Justino, a Eucaristia está ligada intimamente com a vida e uma vida que se coloca em prol dos fracos e necessitados.

Tertuliano, no século III, falava da Eucaristia sempre ligada à práxis das obras de caridade que a comunidade cristã praticava, especialmente com relação aos fracos e perseguidos.²⁹ No *Apologeticum* cap. 39, Tertuliano descreve a ceia de caridade (ágape) que os cristãos celebravam.³⁰ Nessa ceia “sagrada”, os cristãos colocavam tudo em comum, de tal forma que cada um dava livremente o que podia para alimentar os pobres, os anciãos, os que estavam no cárcere e em trabalhos forçados.³¹

Para Cipriano, a Eucaristia é a *collecta fraternitatis* e o *convenire cum fratribus*,³² isto é, a coleta da fraternidade e a convivência com os irmãos. A Eucaristia representa a comunidade reunida, tendo como essencial a união e a concórdia entre os seres humanos. Este elemento de compromisso com a vida é percebido no tempo de Cipriano, quando o papa Cornélio informa que estavam aos cuidados da Igreja de Roma mil e quinhentas pessoas.³³ São João Crisóstomo tinha sob sua proteção, em Antioquia, três mil viúvas, virgens e enfermos.³⁴ Percebemos durante todo esse tempo que a caridade e o amor aos pobres e fracos estava normalmente ligada à Eucaristia, mistério de comunhão e de partilha entre todos.

Não se admitiam as esmolas daqueles que praticavam a injustiça. Essa ideia está na *Didaskalia*, onde se diz que “o altar de Deus são as

²⁸ Cf. JUSTINO de ROMA. *Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. n. 117,2 p. 288.

²⁹ Cf. Segundo TERTULIANO. *Ad Uxorem II*, 4 citado por CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 131.

³⁰ Alguns pensam que essa ceia não era eucarística. Mas nela se orava, se cantava ao Senhor e se liam as Sagradas Escrituras, o que não é normal numa ceia comum. (cf. *Apol.* 39,17-18).

³¹ Cf. TERTULIANO, *Apologia Contra Los Gentiles*. Argentina: Espasa, 1947. nº 39 p. 100-104.

³² Cf. Segundo CIPRIANO, *De Ecclesiae Unitate*. Nº 13. Citado por CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 132.

³³ Cf. Segundo EUSÉBIO de Cesareia, *História Eclesiástica*. VI, 11. Citado por CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 133.

³⁴ Cf. CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 133



viúvas e os órfãos”.³⁵ Certa vez, Santo Ambrósio, ao saber que o imperador Teodósio cometera um massacre em Tessalônica, escreveu-lhe uma carta, comunicando que ele não celebraria o sacrifício diante dele. A Eucaristia não podia ser conivente com os ditadores e os tiranos.³⁶

Não é possível dissociar vida e celebração. A celebração está relacionada diretamente com a vida, isto é: com a prática da justiça e o amor aos necessitados. Não é possível celebrar uma coisa e viver outra totalmente contraditória. Por isso, normalmente falava-se muito das práticas que impediam a participação na Eucaristia, dos pecadores públicos que não podiam participar, pois prejudicavam o próximo através das suas injustiças e não colocavam os bens a serviço da comunidade para ajudar os que precisavam.³⁷

No século IV, quando o Imperador Constantino decretou liberdade para a Igreja, a liturgia procurou espaços mais amplos para ser celebrada e recebeu influências da cultura romana.³⁸ O que é característico da liturgia romana clássica é a amplidão dos espaços basilicais e a adoção de solenidades provindas dos usos imperiais. Não existiam momentos de adoração ao Santíssimo durante a celebração, as próprias palavras usadas não falavam de corpo e sangue mas de alimento, bebida, sacramento, mistério sagrado. A linguagem era simples, sóbria, sucinta, não loquaz e pouco sentimental; a sua disposição é clara e lúcida, espiritual e de notável valor literário. A oração é dirigida ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.³⁹ Na liturgia romana, a Eucaristia nos é dada por Deus acima de tudo para ser comida e bebida, e não para ser adorada. A participação do povo, via de regra, era espontânea e viva, com equilíbrio entre o pessoal e o comunitário.⁴⁰

Resumidamente: no primeiro milênio, via de regra, se procurava garantir o essencial, isto é: a Eucaristia como mistério pascal de Cristo. O povo tinha contato direto com a Palavra de Deus, e sua participação era ativa, consciente e plena. O jeito de celebrar era adaptado aos diferentes povos com sua cultura. A relação vida e celebração era muito concreta, sendo visível-

³⁵ Segundo Didaskalia II, 26,3 citado por CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 134.

³⁶ Cf. CASTILLO, J. M. *Onde não há Justiça não há Eucaristia*. p. 125-126.

³⁷ Cf. idem. p. 136-137.

³⁸ Cf. SILVA, José Arioaldo. *O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã*. p. 34-35.

³⁹ Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. p. 37.

⁴⁰ Cf. SILVA, José Arioaldo. *O Mistério Celebrado no Primeiro Milênio da Era Cristã*. p. 39-40.



mente perceptível na ajuda aos mais pobres e necessitados. A metodologia usada para se falar sobre a Eucaristia era a dos Santos Pais. Para os teólogos desse tempo, o lugar privilegiado para estudar a Eucaristia é a Igreja.⁴¹

3 A Eucaristia no segundo milênio

No século IX a liturgia romana migrou para as terras franco-germânicas, onde foi adaptada à liturgia gálica, para depois voltar a Roma como fundamento da liturgia romana da Idade Média. Durante esse tempo, a Eucaristia sofreu um grande deslocamento de eixo.

No primeiro milênio, a Eucaristia tinha seu centro na celebração do memorial do mistério pascal de Cristo, mas a partir de agora o Santíssimo Sacramento passou a ser o centro da celebração. O altar é substituído pelo sacrário. A festa mais importante não é a Páscoa, mas *Corpus Christi* e a festa do padroeiro. A Devoção ao Santíssimo e aos santos tornou-se a fonte da espiritualidade.

Perdeu-se a centralidade da Palavra de Deus que cedeu lugar às lendas sobre o Santíssimo Sacramento e à leitura da vida dos santos. A Palavra nem é mais proclamada, mas é lida somente pelo padre em voz baixa.

A presença de Cristo, que era sentida em toda a celebração, agora se restringe ao pão e o vinho, corpo e sangue de Cristo. Essa compreensão ocupou os teólogos não menos que sete séculos e foi iniciada por um trio muito famoso: Pascásio Radberto, Ratramno e Berengário.⁴²

A Igreja não é mais o lugar da experiência comunitária do mistério pascal, mas é vista como um grande “supermercado religioso”, uma “farmácia espiritual”, aonde o povo acorre para curar seus males, com seus “agentes de saúde” credenciados na qualidade de ministros ordenados.⁴³ A Eucaristia era vista como remédio para “curar males” ou preveni-los e para manter a amizade com Deus: “para escapar do perigo do inferno”. Nesse tempo se intensifica a ideia dos “frutos da missa”,

⁴¹ Cf. GIRAUDDO, Cesare. *Num só Corpo: Tratado Mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 8.

⁴² Cf. idem. p. 416.

⁴³ Cf. SILVA, José Arioaldo. O Mistério Celebrado no Segundo Milênio da Era Cristã. In: *O Mistério Celebrado: Memória e Compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência: Espanha, Siquem, 2003.p. 54-55.



a comunhão começa a ser “oferecida por”, considerando-a como meio para conseguir favores.⁴⁴

Consequentemente, a Eucaristia torna-se um ritual meio mágico, feito pelo padre, desencarnado da vida e da história humana. Acentua-se a separação entre clero e fiéis. A oração eucarística é rezada em voz baixa, o sacerdote celebra de costas para o público, as pessoas já não entendem o latim da liturgia, os fiéis já não levam mais as oferendas ao altar, a missa tornou-se uma coisa santa passivamente assistida pelas pessoas. O pão comum foi substituído pelo pão ázimo. Extinguiu-se a comunhão com o cálice e o pão começou a ser recebido na boca, isto, quando se comungava.⁴⁵

Aos poucos, a comunhão foi sendo substituída pela adoração da hóstia: adorar tornou-se uma forma de comungar. Por isso, os padres levantavam bem alto a hóstia e o cálice para o povo ver e prestar adoração ao Senhor terrível que “descera sobre o altar”. Tocam-se campanhais para chamar a atenção para o momento. Bastava ver a hóstia, e todos já estavam satisfeitos.⁴⁶

O Missal de Pio V (1570), elaborado depois do Concílio de Trento, fala somente sobre rubricas que o sacerdote devia observar. O povo nem sequer é mencionado, e cada vez mais a celebração vai se distanciando da vida das pessoas. A centralidade romana faz com que todos sigam de forma unificada o ritual romano que é levado ao seu expoente pela liturgia barroca, extremamente ritualista, e desconsiderando a cultura e o jeito de cada cultura celebrar.⁴⁷

Sintetizando: temos nesse tempo, via de regra, uma liturgia híbrida, monolítica, ritualista, distante do povo, clerical, mágica, devocional, “farmacêutica”; pouco misteriosa e eclesial, muito utilitarista e individualista. Poderíamos dizer que, no aspecto devocional e individualista, existia uma relação vida-celebração. Entretanto, a celebração eucarística é uma celebração comunitária por excelência, e não é uma devoção. Nós na América Latina fomos evangelizados nessa liturgia, nos moldes pós-tridentinos,

⁴⁴ Cf. ADALZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p. 179-182.

⁴⁵ O concílio de Latrão, do século XIII, ordenou que se comungasse pelo menos uma vez ao ano, pela Páscoa, devido ao fato de as pessoas comungarem raramente.

⁴⁶ Cf. MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em Oração*: Introdução à Liturgia. Eucaristia. p. 131.

⁴⁷ Cf. SILVA, José Ariovaldo. *O Mistério Celebrado no Segundo Milênio da Era Cristã*. p. 50.



de índole romano-franco-germânica, de língua latina obrigatória para todos, sem se levar em consideração as culturas locais.⁴⁸

4 O resgate do sentido da Eucaristia no Concílio Vaticano II

O movimento litúrgico, dos inícios do séc. XX, teve o intuito de renovar a liturgia na Igreja do Ocidente. Sua importância foi a de ter preparado a grande reforma litúrgica do Vaticano II com um amplo e fundado instrumental: histórico, teológico, pastoral e pessoal.⁴⁹

O Concílio Vaticano II colocou a liturgia numa perspectiva pastoral e teológica, superando a visão meramente estética e ritualista, promovendo uma redescoberta do essencial, que é o mistério de Cristo, e tirando a “poeira” medieval e pós-tridentina que permanecia sobre a liturgia.

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrossanctum Concilium* (SC)⁵⁰, diz, referindo-se à Eucaristia, que nela principalmente se exerce a obra de nossa Redenção, e ela contribui de modo mais excelente para que os fiéis expressem em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja (SC 2).

Nota-se que o título do capítulo que trata da Eucaristia é: “O Sacrossanto Mistério da Eucaristia”. Recupera-se o sentido do Mistério. A Eucaristia é o mistério pascal de Jesus Cristo.⁵¹ Cristo está presente no sacrifício eucarístico, mas não de forma estática como costumeiramente entendemos, somente no pão e vinho eucaristizados. Ele está presente tanto na pessoa do ministro, “pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz”, quanto sob as espécies eucarísticas. [...] Presente está pela sua Palavra, pois é ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja” (SC 7). Além disso, Jesus está presente quando a Igreja ora e salmodia,

⁴⁸ Cf. SILVA, José Arioaldo. A evangelização que nossos índios e negros tiveram de “engolir”. In: *Revista de Liturgia*. São Paulo, n.159, 2000. p.4-6.

⁴⁹ Cf. SILVA, José Arioaldo. *O Mistério Celebrado no Segundo Milênio da Era Cristã*. p. 59-60.

⁵⁰ VATICANO II. Constituição “Sacrossanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 29a ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

⁵¹ Cf. SILVA, José Arioaldo. A Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II. In: *O Mistério Celebrado: Memória e Compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência: Espanha, Siquem, 2003. p. 64.



Ele que prometeu: “*onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles*”. (Mt 18,20) (SC 7). Percebemos, portanto, que a presença do Senhor não se dá de forma estática e única nas espécies eucarísticas, mas ela é dinâmica e se dá na globalidade da celebração, na pessoa que preside, na Palavra de Deus, na assembleia reunida e, especialmente, no pão e no vinho.

O documento diz-nos que os sacramentos devem ensinar a observar tudo o que Cristo mandou (Mt 28, 20) e estimular todas as obras de caridade, piedade e apostolado (SC 9). Nesse sentido, a liturgia é cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força. [...] “A própria liturgia, por seu turno, impele os fiéis a que, saciados dos sacramentos pascais, sejam concordes na piedade, e reza para que conservem em suas vidas o que receberam pela fé; a renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia solicita e estimula os cristãos para a caridade imperiosa de Cristo” (SC 10).

Percebemos nesses textos, acima citados, uma co-relação entre vida e celebração. A Eucaristia é ponto de chegada e ponto de partida da vida do cristão. É ponto de chegada, pois a celebramos em nossa vida, no que fazemos, temos e somos. É ponto de partida, porque somos chamados a viver a nossa vida em Cristo a partir do mistério que celebramos, principalmente, vivendo os ensinamentos de Cristo, a caridade e o amor fraterno. A celebração Eucarística impulsiona-nos a viver na vida o mistério pascal de Cristo, a ação de graças, a partilha do pão e o amor aos irmãos.

No tocante ao Mistério, o documento ainda diz:

“Na última ceia, na noite em que ia ser entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz, confiando dessarte à Igreja, Sua dileta Esposa, o memorial de Sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de união, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é dado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória” (SC 47). “E aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também, juntamente com ele. E assim, tendo a Cristo como Mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos” (SC 48).

Portanto, podemos dizer que a *Sacrosanctum Concilium* recuperou os elementos fundamentais que caracterizavam a Eucaristia no primeiro



milênio cristão e que se tinham diluído por mais de dez séculos. A saber: a celebração do mistério pascal de Cristo, e o contato abundante com a Palavra proclamada.⁵² O resgate da dimensão comunitária da Eucaristia (SC 27), recuperando os diferentes ministérios nas ações litúrgicas. A adaptação às diversas culturas (SC 37-40). Outra preocupação da SC foi quanto à qualidade das celebrações e a necessidade de se promover a educação litúrgica e a ativa participação de todos (SC 14-20). Em tudo isso, percebemos que a SC ajudou a recuperar a relação “vida e celebração” que se havia perdido, especialmente no segundo milênio.

Conclusão

Após termos realizado essa breve contextualização histórica sobre a relação vida e celebração no mistério da Eucaristia, percebemos que houve um grande deslocamento de eixo do primeiro para o segundo milênio cristão, no tocante à compreensão do Mistério. No primeiro milênio, a relação vida e celebração era muito presente no dia-a-dia de cada cristão. Ambas eram vivenciadas como duas faces de uma mesma moeda, não podendo se separar uma da outra. Já no segundo milênio, houve uma ruptura, deixando suas marcas até hoje. Como pudemos perceber, grande parte do povo, dos próprios ministros ordenados e da mídia, têm uma compreensão reduzida do mistério eucarístico. Com o Vaticano II, a Igreja voltou às suas origens e resgatou a sua experiência eucarística mais genuína. Apesar de se terem passado quase cinquenta anos desde a promulgação da SC, ainda hoje, não conseguimos colocá-la totalmente em prática. Portanto, percebemos a necessidade de aprofundar a nossa compreensão de Eucaristia como memorial do mistério pascal de Jesus Cristo, para que possamos celebrar e viver mais perfeitamente o mistério eucarístico.

Endereço do autor:

Rua Capitão Alcides, 6-45

CEP 17013-710 Bauru, SP

E-mail: frcjs@hotmail.com

⁵² Cf. *idem*. p. 65-66.



Bibliografia

- ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Os Sacramentos na Vida Diária*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Bíblia Sagrada*. GARMUS, Ludovico (trad.) et alii. 45. ed. Petrópolis: Vozes. 1982.
- BUYST, Ione e SILVA, José Ariovaldo. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas; Valência: Espanha, Siquem, 2003.
- CASTILLO, José Maria. *Eucaristia, Y Vida, Hoy*. Madrid: Fundación Santa María. S.d.
- CASTILLO, José Maria. Onde não há Justiça não há Eucaristia. In: *Fé e Justiça*. São Paulo: Loyola, 1990
- GIRAUDO, Cesare. *Num só Corpo: Tratado Mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- JUSTINO de Roma. *Apologia I*. São Paulo: Paulus, 1995.
- JUSTINO de Roma. *Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.
- MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em Oração*. Introdução à Liturgia. Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 1989. Vol. 2.
- TERTULIANO, *Apologia Contra Los Gentiles*. Argentina: Espasa, 1947.
- Ritual de Ordenação de Bispos, Presbíteros e Diáconos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- SILVA, José Ariovaldo da. “Eu te Adoro, hóstia divina”. In: *Revista de Liturgia*. São Paulo, n.166, 2001.
- SILVA, José Ariovaldo da. Missa-memória, Missa-homenagem. In: *Mundo e Missão*. São Paulo, n. 77, 2003.



SILVA, José Ariovaldo. A evangelização que nossos índios e negros tiveram de “engolir”. In: *Revista de Liturgia*. São Paulo, n.159, 2000.

VATICANO II. Constituição “*Sacrosanctum Concilium*” sobre a Sagrada Liturgia. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.